

Origem e evolução do Messianismo em Israel

A esperança messiânica constitui, sem dúvida, um dos dinamismos determinantes do Antigo Testamento. Trata-se fundamentalmente do desenvolvimento da promessa-aliança de Deus com David, que legitima a monarquia de Judá e constitui a garantia da assistência divina, não apenas ao rei, mas, através dele, a todo o povo. A aliança do Sinai e a aliança com o rei «Ungido do Senhor», constituem dois pilares da confiança de Israel na intervenção salvadora de Deus ao longo da história.

É necessário, porém, ter em conta que a interpretação messiânica do Antigo Testamento, como se faz nos ambientes cristãos, é já fruto da releitura dos textos pela comunidade de Jesus e, em alguns casos, por ele mesmo. Só a partir dessa releitura se pode ver o Antigo Testamento como um movimento orientado para um tempo determinado, em que aparecerá o Messias; só a partir do próprio Jesus é que se pode ver e dizer que as Escrituras de Israel falavam dele e o anunciavam com clareza.

Embora sem pretender esgotar assunto tão complexo e controverso, procuramos, neste pequeno trabalho, esboçar os traços fundamentais desta esperança de Israel, variada no tempo e nas diversas concepções em que se foi exprimindo, procurando dar consistência própria ao seu conteúdo original, pois esse é o melhor modo de entender a ligação do messianismo de Jesus com a tradição do passado e, ao mesmo tempo, a originalidade e novidade que ele constitui.

1. As origens tradição veterotestamentária

O messianismo judaico encontra-se profundamente enraizado na tradição veterotestamentária, particularmente na ideologia real, solidamente implantada em Israel, a partir de David. Embora o termo «Messias» (*mashiah* — unguido) seja utilizado para designar o sumo sacerdote (*hakohen hammashiah* — Lv 4,3.5.16; 6,15) e se fale também da unção de figuras proféticas (cf. 1Rs 19,16; Is 61,1), é ao rei de Israel, descendente de David, que se atribui, por excelência, o título de «ungido do Senhor» (*mashiah YHWH* — *Khristos Kuriou*)¹. O oráculo de Natan (2Sm 7,8-16), prometendo a estabilidade e a perenidade da monarquia davídica, exprime a ideia de uma espécie de segunda aliança entre Deus e o povo, paralela à do Sinai, tendo o rei como intermediário.

A ti concedo uma vida tranquila, livrando-te de todos os teus inimigos. Além disso, o Senhor faz hoje saber que será Ele próprio quem edificará uma casa para ti. Quando chegar o fim dos teus dias, e repousares com teus pais, mantereí depois de ti a descendência que nascerá de ti e consolidarei o seu reino. Ele construirá um templo ao meu nome, e Eu firmarei para sempre o seu trono régio. Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho. Se ele cometer alguma falta, hei-de corrigi-lo com varas e com açoites, como fazem os homens, mas não lhe tirarei a minha graça, como fiz a Saul, a quem afastei diante de ti. A tua casa e o teu reino permanecerão para sempre diante de mim, e o teu trono estará firme para sempre (2Sm 7,11-16).

O título de *Ungido/Messias* exprime, neste contexto, a autoridade divina do rei, que é escolhido e unguido como representante de Deus no meio do povo, com o fim de o defender dos inimigos, de administrar correctamente a justiça e de garantir a paz e a prosperidade (cf. Sl 2; 45,1-9; 72; 89; 110):

Vou anunciar o decreto do Senhor. Ele disse-me, «Tu és meu filho, hoje te gerei.

¹ Cf. 1Sm 24,7.11; 26,9.11.16.23; 2Sm 1,14.16; 19,22; Lm 4,20. Frequentes são também as formulações equivalentes com sufixo pronominal: *o meu unguido* (1Sm 2,35; 1Cr 16,22; Sl 105,15; 132,17); *o teu unguido* (2Cr 6,42; Sl 84,10; 89,39.52; 132,10; Hb 3,13); *o seu unguido* (1Sm 2,10; 12,3.5; 16,6; 2Sm 22,51; Sl 2,2; 20,7; 28,8; 18,51; Is 45,1). O Dêutero-Isaías utiliza ainda o termo para designar o rei da Pérsia, pois, através dele, operará Deus a libertação do seu povo do exílio: *Isto diz o Senhor a Ciro, o seu unguido...* (Is 45,1).

Pede-me e eu te darei os povos como herança e os confins da terra por domínio.

Hás-de governá-los com ceptro de ferro e destruí-los como vaso de barro (Sl 2,7-9)

Fiz uma aliança com o meu eleito,

jurei a David, meu servo:

Estabelecerei a tua descendência para sempre,
e o teu trono há-de manter-se eternamente.»

Os céus celebram as tuas maravilhas, Senhor,
e a assembleia dos santos, a tua fidelidade (Sl 89,4-6).

Disse o Senhor ao meu senhor: «Senta-te à minha direita,
e Eu farei dos teus inimigos um estrado para os teus pés.»

De Sião o Senhor estenderá o ceptro do teu poder
e tu dominarás os teus inimigos na batalha!

A tua família é de nobres, desde o dia em que nasceste;
no esplendor do santuário, das entranhas da madrugada,
como orvalho, Eu te gerei.

O Senhor jurou e não voltará atrás:

«Tu és sacerdote para sempre,
segundo a ordem de Melquisedec» (Sl 110,1-4) ².

Perante a actuação muitas vezes deplorável dos monarcas de Jerusalém, sobretudo durante as catástrofes nacionais do séc. VIII, com a guerra siro-efraimita e a invasão assíria; e do séc. VI, com o exílio babilónico, muitas vezes se ergueram para criticar duramente a monarquia, considerada por diversos sectores como principal responsável pelas desgraças nacionais. Este estado de espírito encontra-se amplamente documentado na literatura deuteronomista (cf. 1Sm 8,1-22; 2Rs17,21-23; 21,1-18; 23,26-27; 24,3; Os 13,11). A esta luz, o ideal de um rei futuro como consubstanciamento da esperança na intervenção salvadora de Deus sofre um abalo. Não é, porém, a esperança na intervenção de Deus que é posta em causa, mas antes a expressão monárquica dessa salvação, que passa para segundo plano, em algumas correntes de pensamento, embora sem nunca deixar de constituir um dos pilares fundamentais da esperança de Israel.

Nos círculos proféticos, paralelamente à crítica dos desmandos reais, afirma-se uma esperança de salvação concretizada num líder ideal do futuro, repleto da sabedoria e da força de Deus, que libertará Israel e exercerá a justiça e o direito, mesmo para além das fronteiras nacionais.

² Cf. ainda os significativos textos de Sl 45,3-8 e Sl 72.

Isaías é, de entre os profetas, aquele que toma mais a peito a promessa feita por Deus a David, através do profeta Natan, baseando-se nela para afirmar, antes demais, a fidelidade de Deus aos seus compromissos, que terão como resultado muito concreto a defesa da casa real de Jerusalém, perante as profundas crises nacionais, que o profeta viveu.

Assim, durante a guerra siro-efraimita, quando os reis de Samaria e de Damasco pretendiam substituir o monarca de Jerusalém, Isaías afirma que Deus não o permitirá, pois, embora com pouca confiança no Senhor, o rei Acáz é o legítimo descendente de David e, como tal, depositário das promessas a ele feitas, em benefício do povo. Por tal razão, o anúncio do nascimento de um herdeiro para o trono de Jerusalém representa a possibilidade do futuro, contrariamente aos projectos dos reis invasores:

Escuta, herdeiro de David: Não vos basta já serdes molestos para os homens, senão que também ousais sê-lo para o meu Deus? Por isso, o Senhor, de sua iniciativa, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e dará à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel. Ele será alimentado com requeijão e mel, até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Porque antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, cujos dois reis tu temes, será devastada (Is 7,13-16) ³.

No entanto, a esperança que encontramos no livro de Isaías, embora ancorada no pressuposto das promessas feitas a David, vão muito para além do sucesso nacional da monarquia israelita e do seu povo, alargando os horizontes a todas as nações, na perspectiva de um novo mundo e de uma nova criação, em que se fundem a justiça e a sabedoria do salvador prometido, com uma paz e harmonia de dimensões cósmicas:

Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado;
tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é:
Conselheiro admirável, Deus herói, Pai eterno, Príncipe da paz.
Dilatará o seu domínio com uma paz sem limites,
sobre o trono de David e sobre o seu reino.
Ele o estabelecerá e o consolidará com o direito e com a justiça,

³ Este texto, já originariamente inserido na linha da esperança messiânica, embora, não chegue a falar expressamente de Messias/Ungido, conhecerá, no Novo Testamento, uma nova releitura claramente messiânica, quando o evangelista Mateus o aplicar à concepção de Jesus por acção do Espírito Santo (cf. Mt 1,23).

desde agora e para sempre.

Assim fará o amor ardente do Senhor do universo (Is 8,5-6).

Brotará um rebento do tronco de Jessé,
e um renovo brotará das suas raízes.
Sobre ele repousará o espírito do Senhor:
espírito de sabedoria e de entendimento,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de ciência e temor do Senhor.

...

Então o lobo habitará com o cordeiro,
e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito;
o novilho e o leão comerão juntos,
e um menino os conduzirá.

...

Não haverá dano nem destruição em todo o meu santo monte,
porque a terra está cheia de conhecimento do Senhor,
tal como as águas que cobrem a vastidão do mar (Is 11,1-9).

Testemunhas e protagonistas de tantos conflitos que assolaram a história de Israel, os profetas pré-exílicos foram das vozes mais críticas que se ergueram para censurar as deficiências dos chefes do seu povo. No entanto, a ideia profundamente implantada da garantia da protecção divina a Israel exprime-se, com muita frequência, através do sucesso do descendente de David, que garanta a paz, a justiça e a unidade do povo, como mostram, por exemplo Is 8,23-9,6; 32,1-8; Jr 23,5-8; 30,9; 33,14-26; Ez 17,22-24; 34,23-24; 37,15-28; Os 3,5; Am 9,11-12; Mq 5,1-5. Em nenhum destes textos se utiliza o termo *Messias*, mas as referências à casa de David e ao seu papel de liderança constituem sempre a pedra fundamental sobre a qual se edifica a esperança.

Por isso mesmo, a perspectiva de um futuro dourado, embora transborde, por vezes, para os outros povos e assuma até contornos cósmicos, concentra-se fundamentalmente no povo de Israel, que, sob a orientação do descendente de David, passará de dominado a dominador das nações, num clima de paz, segurança, prosperidade e justiça.

2. No pós-exílio

No regresso do exílio (a partir de 538 a.C.), assiste-se a um repensamento das estruturas político-religiosas de Israel, com características diversificadas, que espelham o confronto entre os

grupos mais influentes da sociedade ⁴. Os profetas Ageu e Zacarias reflectem este estado de coisas, ao personificarem a esperança de restauração nas duas figuras mais determinantes do seu tempo: ao lado do governador Zorobabel, de ascendência davídica e porta-bandeira de uma esperança de tipo real (cf. Ag 2,20-23), impõe-se a figura do sumo sacerdote Josué (Ag 2,1-19; Zc 3,1-10), que, em Zc 6,12, assume também características reais. Reconstrução nacional e reedificação do templo caminham lado a lado, como atesta a expressão *os (dois) filhos da unção*, que dá conta da convergência, umas vezes harmónica outras conflituosa, do poder estritamente político e da classe sacerdotal, bem como das tentativas de organização de uma sociedade de tipo teocrático, que caracterizam este período da história de Israel:

Perguntei-lhe ainda: «Que significam estas duas oliveiras, à direita e à esquerda do candelabro?» E perguntei de novo: «Que significam estes dois ramos de oliveira que deixam correr o azeite por dois tubos de ouro?» Ele respondeu-me: «Não sabes o que significam estas coisas?» Eu disse: «Não, meu senhor.» Ele disse: «São os dois unguidos que assistem o Senhor de toda a terra» (Zc 4,11-14).

A perspectiva messiânica de Ageu e Zacarias não se projecta propriamente no futuro, mas assume o carácter de uma escatologia já realizada ou, pelo menos, em início de realização, nos dois personagens carismáticos da vida da comunidade pós-exílica, o governador Zorobabel e o sumo sacerdote Josué ⁵. A comunidade dos regressados dos exílio, embora sem ter abandonado a esperança do futuro, sente-se, a justo título, como estando a realizar as promessas de restauração feitas pelos profetas.

No entanto, esta visão tão optimista da história não foi de longa duração, nem deve ter granjeado unanimidade. A institucionali-

⁴ Para a análise mais detalhada da esperança messiânica, neste período, cf. P. D. HANSON, «Messiahs and Messianic Figures in Proto-Apocalypticism» in J. D. CHARLESWORTH, *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, Minneapolis, 1992, 67-75; J. ROBERTS, «The Old Testament's Contribution to Messianic Expectations» in J. D. CHARLESWORTH, *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, Minneapolis, 1992, 49ss; S. TALMON, «The Concept of 'Mashiah' and Messianism in Early Judaism» in J. D. CHARLESWORTH, *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, Minneapolis, 1992, 84ss; C. THOMA, *Das Messiasprojekt. Theologie jüdisch-christlicher Begegnung*, Augsburg, 1994, 119ss.

⁵ Esta espécie de diarquia (rei-sacerdote) será retomada e desenvolvida pela comunidade de Qumran, ao falar de dois messias: o Messias de Israel e o Messias de Aarão.

zação da lei e a emergência de uma nova classe de pessoas a ela completamente dedicadas, conduziu a um repensamento das tradições do passado, onde surgem novos vultos corporizadores da esperança. A importância dada à observância da Lei, a experiência do sofrimento que a fidelidade tantas vezes implica, bem como a confiança na protecção dispensada por Deus aos pobres e humildes, encontram-se certamente presentes na figura do servo de Javé, do Dêutero-Isaías, bem como do vulto do rei pacífico, desenhado pelo profeta Zacarias, que entra em Jerusalém montado num jumento:

O servo cresceu diante do Senhor como um rebento,
como raiz em terra árida, sem figura nem beleza.
Vimo-lo sem aspecto atraente, desprezado e abandonado pelos
homens,
como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento,
diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desconsiderado.
Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as
nossas dores.

...

Foi suprimido da terra dos vivos, mas por causa dos pecados do
meu povo é que foi ferido.

Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios, e uma tumba entre os
mal-feitores,
embora não tenha cometido crime algum, nem praticado qual-
quer fraude.

...

Ele, o justo, justificará a muitos, porque carregou com o crime
deles.

Por isso, ser-lhe-á dada uma multidão como herança, receberá
muita gente como despojo,
porque ele próprio entregou a sua vida à morte, e foi contado
entre os pecadores,
tomando sobre si os pecados de muitos, e sofreu pelos culpados
(Is 52,13-53,12).

Exulta de alegria, filha de Sião! Solta brados de júbilo, filha de
Jerusalém!

Eis que vem a ti o teu rei justo e vitorioso,
humilde e montado num jumento;
sobre um jumentinho, filho de uma jumenta (Zc 9,9).

Estes textos evidenciam o início dos círculos de escribas, não directamente ligados à área do poder, mas dedicados ao estudo e observância da Lei, que terão uma importância cada vez mais

⁶ Cf. F. HAHN, *Christologische Hoheitstitel. Ihre Geschichte im frühen Christentum*, Göttingen, 1974⁴, 139-41.

determinante no judaísmo ⁶. Já não se fala das glórias davídicas, embora estas não sejam esquecidas (cf. Zc 12,9-10.12), mas do destino do crente e de Israel como povo, frequentemente sujeitos à provação e ao desprezo, mas constantemente objecto da protecção do seu Deus que, mesmo através dessas situações tão dramáticas, traz a salvação ao seu povo.

Os personagens que dão corpo a esta intervenção salvadora de Deus, não se reduzem à família real. A esperança do futuro alarga-se e, de certo modo, «democratiza-se» ⁷, estendendo-se, por vezes aos dirigentes de Israel em geral ou a todo o povo, como ressalta das perspectivas de Is 55,3 e Zc 12,1-8:

Prestai-ma atenção e vinde a mim; escutai-me e vivereis!
Farei convosco uma aliança eterna, e a promessa de David será mantida (Is 55,3).

Naquele dia, farei os chefes de Judá semelhantes a um braseiro ardente sobre um monte de lenha, como que uma tocha acesa no meio dos feixes; e eles devorarão, à direita e à esquerda, todos os povos à volta. Jerusalém habitará novamente no seu lugar. O Senhor salvará em primeiro lugar as tendas de Judá, como outrora, para que a casa e David e os habitantes de Jerusalém não se ensoberbeçam em detrimento de Judá. Naquele dia, o Senhor protegerá os habitantes de Jerusalém: o mais fraco dentre eles será como David, e a casa de David surgirá como Deus, como o anjo do Senhor diante deles (Zc 12,6-8).

Noutros textos, prescinde-se mesmo de qualquer figura humana, para falar da intervenção directa de Deus, como em Zc 14, onde se anuncia o dia glorioso, em que o Senhor voltará a desnudar o seu braço para esmagar todos os povos que se levantarem contra Jerusalém e instaurar uma época de concórdia e de paz, descrita já numa linguagem rica de simbolismo e de vigorosas imagens, que anunciam os desenvolvimentos apocalípticos, de que falaremos em seguida.

Em alguns casos, juntam-se a perspectivas de uma intervenção directa de Deus com a de uma mediação humana de carácter mais ou menos maravilhoso, que é vista como precursora da vinda salvadora de Deus. Num estilo mais ou menos dependente do género apocalíptico, fala-se então da vinda do profeta Elias, para preparar o dia glorioso do Senhor:

⁷ Cf. P. D. HANSON, «Messiahs and Messianic Figures», 72-73.

Olhai que estou para enviar o meu mensageiro para preparar o caminho diante de mim e imediatamente entrará no seu santuário o Senhor, que vós procurais. Olhai que está para chegar o mensageiro da aliança, que vós deseiais, diz o Senhor dos exércitos (Ml 3,1).

Olhai que vos envio o profeta Elias, antes do grande e terrível dia do Senhor. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e coração dos filhos para os seus pais, de modo que, quando eu vier, não fira a terra com o extermínio (Ml 3,23-24).

Tu [Elias] foste arrebatado num tufão de fogo, num carro de cavalos de fogo. Como está escrito, tu estás assinalado para o tempo indicado, para serenar a ira [de Deus] antes que ela se desencadeie, para fazer voltar o coração do pai para o filho e para restaurar as tribos de Jacob (Sir 48,9-10).

Assim, no período pós-exílico, a esperança na intervenção futura e salvadora de Deus na história, sem abandonar as figuras do messianismo davídico, que parece continuar a constituir o núcleo inspirador das imagens de salvação, liberta-se deste modelo único — até porque já não existe uma monarquia davídica — e enriquece-se com novas imagens e novos horizontes, em que o papel da intervenção directa de Deus ganha um relevo sempre mais acentuado, que virá a assumir dimensões de totalidade com o surgir do movimento apocalíptico.

3. O surgir da apocalíptica

Uma perspectiva muito distinta da esperança surge com a literatura apocalíptica, de que o livro de Daniel constitui o primeiro grande exemplo. Embora se discuta sobre a data e o ambiente de origem da apocalíptica judaica ⁸, é mais ou menos consensual que esta corrente de reflexão sobre o sentido da história e do seu

⁸ Sobre a origem da literatura apocalíptica judaica, cf. J. COLLINS, «The Genre Apocalypse in Hellenistic Judaism» in D. HELLHOLM, *Apocalypticism in Mediterranean World and the New East*, Tübingen, 1989, 531-548; J. COPPENS, «L'Apocalyp-tique. Son dossier, ses acteurs, ses éléments constitutifs, sa portée néotestamentaire», ETL, 53(1977), 1-23 sobretudo p. 15ss; H. G. KIPPENBERG, «Ein Vergleich jüdischer, christlicher und gnostischer Apokalyp-tik» in D. HELLHOLM, *Apocalypticism in Mediterranean World and the New East*, Tübingen, 1989, 751-768; C. THOMA, «Das Messiasprojekt», 223ss.

«telos» surgiu no pós-exílico, em ambientes esotéricos distintos dos círculos oficiais jerusalemitanos. Na verdade, outros textos proféticos exílicos e pré-exílicos, como Is 24-27; Ez 38-39; Jl 3-4 ostentam já uma roupagem apocalíptica como projecção da esperança, marcada pela perspectiva da intervenção cósmica de Deus em favor de Israel e pela promessa de um futuro duradouro de paz e de prosperidade.

No entanto, estas visões não se distanciam muito das perspectivas de restauração histórica de Jerusalém e do povo eleito. O que caracteriza e distingue a apocalíptica pós-exílica é a descontinuidade entre o presente devir histórico, que será abruptamente interrompido pelos eventos anunciados para o *fim dos tempos*, e a nova realidade que se lhe seguirá. «Os profetas tinham pintado o 'fim dos tempos' com uma profusão de luz e cores; a nova teofania iria alterar a ordem da natureza, a arrogância dos impérios seria abalada e o reino de Deus estabelecido na terra de Israel. E, no entanto, para cúmulo da maravilha, a antiga ordem seria conservada; não atingiria o seu fim, nas visões dos profetas. A nova era teria lugar, mas seria deste mundo. A natureza do mundo, do homem e da sua sociedade continuariam a ser o que sempre tinham sido. A perspectiva apocalíptica, pelo contrário, anuncia o advento de um novo mundo, completamente diferente do antigo; o 'fim dos tempos' é o fim do mundo»⁹.

Há, pois, na apocalíptica, uma forte dose de cepticismo dualista, em relação a este mundo, que leva a considerar insuficiente qualquer ideia de restauração. O novo mundo não significa simplesmente a correcção dos erros e injustiças do presente, mas uma realidade completamente nova, que nunca existiu nem é possível na história humana, cujo advento será obra exclusiva de Deus.

Devido às imagens e ao simbolismo que utiliza, a apocalíptica é frequentemente considerada como sinónimo de linguagem catastrófica e derrotista. Na verdade, não se trata disso. Como o próprio termo de origem grega indica, trata-se é de uma *revelação*, o que se encontra em perfeita sintonia com a ideia básica que acabamos de expor. Dado que o mundo novo é obra de Deus, também a sua descoberta e anúncio é obra dele, que revela o seu conteúdo a um vidente, normalmente durante o sono ou por intermédio de um personagem célebre do passado, que serve de intermediário.

⁹ Y. KAUFMANN, *Christianity and Judaism, two Covenants*, Jerusalem, 1988, 75.

Assumido e decodificado o complexo sistema de imagens e de símbolos, a perspectiva apocalíptica revela-se, afinal, muito simples: o autor coloca-se na perspectiva do fim da história e, a partir daí, olha para o passado (que é, afinal, o presente em que ele vive) e tenta descortinar aquilo que é válido, e que permanecerá até ao fim; e aquilo que será destruído ao longo do devir histórico. Nesta análise, descobrem-se entidades e dinamismos, que, no momento presente se apresentam como autênticos gigantes invencíveis, mas que, na perspectiva da consumação da história, têm pés de barro e não subsistem. Pelo contrário, realidades agora espezinhas e pouco significativas, podem constituir, na perspectiva da visão global da história, dada pela revelação, gérmens do mundo novo e definitivo que será obra de Deus.

Um importante elemento para esta visão do futuro é a fé na ressurreição que se difunde em Israel, precisamente por esta mesma altura ¹⁰. A esperança conhece então uma nova dimensão, em que se sublinha, não apenas a restauração nacional ou cósmica, mas também a participação e transformação do indivíduo nessa nova era. Nesta perspectiva, os elementos do messianismo davídico perdem decisivamente a sua importância, pois o mundo novo não será obra de messias humanos, mas do próprio Deus, que agirá por intermédio de personagens sobre-humanos.

O livro apocalíptico de *Daniel* exprime esta nova concepção escatológica, que será operada pela figura enigmática do Filho do Homem (Dn 7,13; 10,16.18), a quem é entregue um poder ilimitado e eterno e que conseguirá a vitória definitiva em favor de Israel, com a ajuda do arcanjo Miguel (10,23; 12,1ss).

Contemplando sempre a visão nocturna, vi aproximar-se, sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um filho de homem. Avançou até ao ancião, diante do qual o conduziram. Foram-lhe dadas soberania, glória e realeza. Todos os povos, todas as nações

¹⁰ A maioria dos críticos considera, hoje, que os textos pré-exílicos, frequentemente citados como exemplo da fé na ressurreição (cf. Is 26,19; 53,10) exprimem, de facto, uma esperança de restauração terrena e não de uma vida para além da morte. J. B. BAUER («Auferstehung» in J. B. BAUER, *Bibeltheologisches Wörterbuch*, I, 96-97) considera ambos os textos como afirmação da ressurreição, enquanto que J. RADERMAKERS-P. GRELOT («Résurrection» in X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulaire de théologie Biblique*, Paris, 1971, 1102) os interpretam como uma metáfora para exprimir a restauração do povo. Sobre a origem e evolução da fé na ressurreição, cf. M. ISIDRO ALVES, *Ressurreição e fé pascal*, Lisboa, 1991, 7-15.

e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído (Dn 7,13s).

Daniel não fornece detalhes desta nova era, e os anúncios do tempo do cumprimento da profecia são meramente simbólicos, não permitindo nenhum cálculo matemático. Certo é que o tempo da salvação compreende as imagens usuais de libertação do inimigos e derrota dos opressores, mas tem uma componente nova em relação ao passado: a participação na salvação anunciada é reservada aos justos que, para tal serão transformados; e mesmo os mortos terão parte neste mundo novo:

Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande Príncipe, que protege os filhos do teu povo. Será este um período de angústia tal que não terá havido outro semelhante desde que existem nações até àquele tempo. Ora, de entre a população do teu povo, serão salvos todos os que se encontraram inscritos no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia, para a reprobção eterna. Os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a luminosidade do firmamento e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas com um esplendor eterno (Dn 12,1-3).

Ouvi estas palavras, mas sem as compreender, e disse-lhe: «Meu senhor, qual o fim de tudo isto?» Respondeu: «Vai, Daniel, porque estes vaticínios devem permanecer fechados e selados até ao tempo final. Muitos são purificados, aperfeiçoados e postos à prova. Os ímpios actuarão com perversidade, porém nenhum deles compreenderá, ao passo que os sensatos compreenderão. Desde o tempo em que for abolido o holocausto perpétuo e estabelecida a abominação devastadora, haverá mil duzentos e noventa dias. Feliz o que permanecer na expectativa e chegar a mil trezentos e trinta e cinco dias! Tu, vai até ao fim e repousarás; levantar-te-ás para receber a tua parte da herança, no fim dos tempos» (Dn 12, 8-13).

O livro de Daniel constitui apenas uma das primeiras expressões da corrente apocalíptica, que floresceu abundantemente em Israel, a partir da época macabaica, desenvolvendo cenários fabulosos acerca do fim deste mundo e do advento do mundo novo, em que actuam variados personagens.

O *livro das Parábolas de Henoc* concebe, como intermediário dos tempos finais, um personagem que, a par dos títulos de «Eleito» e de «Filho do Homem», é também designado de «Messias» (1Henoc 48,10; 52,4). Trata-se de uma figura de características divinas, que

existe antes da criação do mundo (1Henoc 48,2-3.6), está cheio do poder e da sabedoria de Deus, que o conserva escondido até chegarem os tempos previstos para a sua acção como libertador e juiz, para castigar os poderosos e garantir a salvação dos eleitos, que ressuscitarão e viverão com ele, sem voltar a experimentar a morte (1Henoc 61,1-2.5-8). Temos aqui um exemplo do fim do séc. I a.C., ou do início da nossa era ¹¹, que evidencia a utilização, pelas correntes apocalípticas, de temas, não apenas do livro de Daniel, como também da tradição messiânica davídica, da literatura sapiencial e da mensagem dos profetas, para construir as suas imagens do futuro.

Duas outras obras do género apocalíptico, datadas do fim do séc. I ou início do séc. II da nossa era, o *IV livro de Esdras* e o *II livro de Baruc*, relacionam também o advento do Messias com o fim dos tempos e o juízo final. Embora algo posteriores aos primeiros tempos do cristianismo e revelando a influência dos acontecimentos do ano 70, bem como interpolações de origem cristã, estes dois documentos mostram uma evolução da esperança messiânica judaica, que provavelmente tem as suas raízes no passado e ajudam a esclarecer a variedade de crenças messiânicas, no tempo de Jesus.

Na perspectiva do *Apocalipse de Baruc*, o Messias reedificará o templo, destruirá os povos que tiverem oprimido Israel, mas salvará os eleitos do povo. Terá então lugar a ressurreição geral e o juízo final:

E acontecerá, depois destas coisas, quando o tempo da aparição do Messias se tiver cumprido e ele voltar com glória, então todos os que adormeceram com esperança nele ressuscitarão. E acontecerá nesse tempo, que serão abertos os tesouros em que foram

¹¹ A datação das parábolas de Henoc é muito discutida. Hoje, porém, a maior parte dos especialistas na matéria inclina-se para uma origem anterior à era cristã, pelo menos de parte da obra. O facto de se ter encontrado em Qumran um exemplar das Parábolas em que falta parte do texto levanta a possibilidade de uma evolução redaccional complexa. Para uma discussão sobre o assunto, cf. J. CHARLESWORTH, *The Old Testament Pseudepigrapha*, New York, 1983, 7; A. VÖGTLE, *Die «Gretschensfrage» des Menschensohn-Problems*, Freiburg in Breisgau, 1994, 122-26 e ainda o estudo especializado sobre o messianismo no livro das Parábolas de M. BLACK, *The Messianism of the Parables of Henoc. Their Date and Contribution to Christological Origins* in J. D. CHARLESWORTH, *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, Minneapolis, 1992, 145-168.

conservadas as almas de numerosos justos, e eles sairão e a multidão das almas comparecerá em conjunto, numa única assembleia unida. Os primeiros alegrar-se-ão e últimos não ficarão tristes. Pois eles sabem que chegou o tempo que é chamado o fim dos tempos. Mas as almas dos iníquos estarão desoladas, quando virem tudo isto, pois sabem que chegou o seu tormento e a sua perdição se aproxima (2Baruc 30,1-5)¹².

Embora os textos não forneçam um quadro coerente deste mundo novo, dá a impressão que não se trata, propriamente, de uma vida celestial. As imagens paradisíacas com que é descrito o tempo do Messias dão a ideia de um regresso dos mortos à vida, na terra de Israel, mas num género de existência humana. Além disso esta era não se apresenta como eterna, mas tem um limite temporal:

E o seu domínio durará para sempre, até que o mundo da corrupção tenha acabado e até que os tempos antes referidos se tenham completado (2Baruc 40, 4).

No *IV livro de Esdras*, o Messias é apresentado como «filho» de Deus, foi guardado para o tempo determinado, aparecerá para a libertar Israel e castigar os pagãos, reinará por mil anos, depois do que será morto e com ele perecerá toda a vida¹³. A terra ficará em silêncio durante sete dias, depois dos quais, terá lugar a ressurreição geral, o julgamento e o destino final, no paraíso ou no inferno:

E eis que vai chegar o tempo, quando os sinais que eu te anunciei se realizarem, a cidade que agora não se vê aparecerá e a terra que agora está escondida será revelada. E todos aqueles que tiverem sido salvos dos males que te anunciei verão as minhas maravilhas. Porque o meu filho, o Messias, revelar-se-á com todos

¹² Cf. ainda 29,2ss; 39,7; 40,1-5; 70,1-10; 72-74.

¹³ A ideia da morte do Messias está provavelmente ligada à concepção apocalíptica de que tudo aquilo que é terreno não pode fazer parte do mundo futuro, sem ser purificado pela morte. De qualquer maneira, a esta morte não é atribuído nenhum valor salvífico ou expiatório. No judaísmo do séc. II, surge uma figura de Messias, «Messias de José» ou «Messias de Efraim», que, segundo algumas concepções, precederá a vinda do «Messias de David», que lutará contra os opressores de Israel, e será morto. No entanto, esta concepção parece mais ligar-se ao papel de um precursor, designado de Messias, do que propriamente à expressão de um Messias sofredor. Sobre a origem e a interpretação desta figura messiânica, cf. H. STRACK-P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch II*, München, 1924, 292-99.

os que estão com ele, e os que ficarem alegrar-se-ão, durante mil anos. E depois destes mil anos o meu filho, o Messias, morrerá, bem como todos aqueles que respiram. E o mundo regressará ao silêncio primordial, durante sete dias, como aconteceu no princípio, de modo que não restará ninguém. Depois de sete dias, o mundo que ainda não esteja acordado acordará e aquilo que é corrompido será destruído. A terra restituirá os que dormem no seu seio, o pó os que aí repousam e as moradas entregarão as almas que lhes foram confiadas. Então o Altíssimo aparecerá sobre o trono do julgamento (IV Esdr 7, 26-33).

Segue-se a descrição do julgamento que será sem misericórdia nem piedade, mas apenas segundo a justiça das obras. Em seguida fala-se do céu e do inferno. A função do Messias encontra-se, pois ligada aos acontecimentos finais, mas o seu reinado é de tipo milenarista, até que tenha lugar o julgamento final e surja o novo mundo.

Em ambas estas obras se encontram conjugadas as ideias tipicamente apocalípticas de Daniel, com a destruição deste mundo e o advento de um novo eon, embora, por vezes, não se ultrapasse o âmbito de um paraíso terrestre milenarista e a concepção típica do messianismo profético e davídico, com a tónica colocada na restauração de Israel e na vitória contra os inimigos, que aparecem também como inimigos de Deus.

4. Os escritos de Qumran

Nos escritos de Qumran não encontramos propriamente grandes novidades, do ponto de vista da concepção messiânica. Os essênios — tidos pela maioria dos especialistas como a seita judaica à qual se devem os escritos encontrados no deserto da Judeia à volta de Qumran — acentuam alguns aspectos particulares da tradição anteriormente desenvolvida, reformulando-os de acordo com a convicção de que a comunidade por eles formada constituía o resto santo de Israel, em contraste com a ideologia dominante em Jerusalém. Característica das perspectivas messiânicas de Qumran é a clara afirmação de um duplo Messias: o *Messias de Aarão* e o *Messias de Israel*, também designado de «Messias de David», «Príncipe de toda a comunidade» ou «Messias de Isaac»¹⁴. Esta dupla figura messiânica encontra-se na continuação da tradição de Zaca-

¹⁴ Cf. F. HAHN, *Christologische Hoheitstitel*, 146.

rias e Ageu, logo depois do exílio. A preponderância do papel do Messias de Aarão sobre o Messias de Israel, está de acordo com as características sacerdotais da seita e com a lista de precedências que a caracterizam ¹⁵.

A visão dos tempos messiânicos de Qumran não pode ser classificada de apocalíptica ¹⁶. O futuro é claramente restaurativo e decalcado na tipologia do pós-exílio. A própria comunidade figura como o «resto santo» de Israel, e prepara-se para este evento, num futuro previsto para a história e não para um novo mundo, para além da história. A esperança realizar-se-á dentro da terra de Israel, para a qual a comunidade regressará vitoriosa do exílio no deserto. Aí reinará a paz, a prosperidade e a ordem, que culminará na reconstrução do templo, segundo a tipologia do reinado de David e Salomão ¹⁷.

Uma perspectiva, em alguns aspectos semelhante à de Qumran, encontra-se no *Testamento dos XII Patriarcas*, datado do séc. II a.C.¹⁸. Também aqui deparamos com a ideia de *dois messias*, um descendente de Levi (TestLevi 18,2-3) e outro de Judá (TestJuda 24, 1-6). Como em Qumran, o futuro messiânico não é descrito em termos apocalípticos, mas antes como uma era de prosperidade, de paz e de justiça. No entanto, diferentemente da ideologia de Qumran, sublinha-se o papel universal dos dois messias, que levarão a justiça e o conhecimento de Deus a todos os povos, deixando em segundo plano as características militares e a derrota dos

¹⁵ Cf. L.H. SCHIFFMANN, «Messianic Figures and Ideas in Qumran Scrolls» in J. D. CHARLESWORTH, *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, Minneapolis, 1992, 129.

¹⁶ Segundo H. STEGEMANN («Die Bedeutung der Qumranfunde für die Erforschung der Apokalyptik» in D. HELLHOLM, *Apocalypticism in Mediterranean World and the New East*, Tübingen, 1989, 523s), a comunidade de Qumran não pode ser descrita como um 'movimento apocalíptico'. A apocalíptica desenvolve-se numa situação de crise, para apresentar uma visão da realidade diferente da tradicional. A questão fundamental é, então, a da autoridade para apresentar a nova visão do mundo, ou do sistema político ou religioso. Por isso se recorre à autoridade de Deus, através de um personagem intermediário que revela, sob forma de visão celeste, o sentido da nova realidade. Ora, em Qumran, a autoridade vem directamente da Lei ou dos escritos proféticos. A nova visão da realidade manifesta-se mais à base de interpretações e comentários dos escritos da tradição, em contraste com a interpretação oficial, do que através de visões ou revelações adicionais. A maior parte dos materiais apocalípticos encontrados nas grutas de Qumran (e não são muitos) pertencem à tradição literária de Israel e são de origem exterior à comunidade.

¹⁷ Cf. S. TALMON, *The Concept of 'Mashiah'*, 107-108.

¹⁸ Para a datação, cf. J. CHARLESWORTH, *Pseudepigrapha I*, 777s.

inimigos de Israel, que caracterizam a maior parte das perspectivas messiânicas desta altura.

5. Os Salmos de Salomão

Os textos anteriormente referidos demonstram que, apesar da proliferação de concepções apocalípticas e milenaristas acerca do futuro, a ideia da restauração de Israel por obra de um Messias real, da descendência de David, permaneceu sempre como núcleo fundamental da esperança messiânica. Esta mesma ideia é confirmada pelos Salmos de Salomão, originários do fim do séc. II ou início do séc. I a.C.¹⁹. Particularmente significativos para o nosso tema são os Salmos 17 e 18, que utilizam uma linguagem perfeitamente clássica, que faz lembrar a dos salmos reais da Bíblia.

O Salmo 17, depois de descrever as desgraças de Jerusalém e da nação, conquistada e explorada pelos estrangeiros, suplica²⁰:

Vê, Senhor, e suscita-lhes o seu rei, filho de David,
no tempo que tu conheces, ó Deus,
para que reine sobre Israel, teu servo (SlSal 17, 26).

O Messias é caracterizado como um rei justo, cheio da sabedoria divina, que esmagará os opressores estrangeiros, com ceptro de ferro, eliminará os iníquos do meio do povo e promoverá a justiça e a santidade em Israel. Ao lado do seu papel como libertador, ao Messias é atribuída uma ampla função no domínio da instrução do povo e da salvaguarda da observância da Lei (cf. v. 27ss), o que está de acordo com a origem destes salmos, habitualmente colocadas em círculos farisaicos.

O Salmo 18 é um louvor a Deus pelo seu constante cuidado para com Israel e uma súplica pela vinda do Messias:

Que Deus purifique Israel para o dia da misericórdia e da bênção,
para o dia predeterminado, quando o seu Messias reinar.
Felizes aqueles que nascerem nesses dias, para contemplar as
maravilhas do Senhor;

¹⁹ A maioria dos críticos associa a origem destes salmos à conquista de Jerusalém por Pompeu, em 63 a.C. Cf. J. CHARLESWORTH, *Pseudepigrapha II*, 640s.

²⁰ Cf. tradução e explicação do SlSal 17 em J. CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo, quem és tu?*, 135ss.

que ele realizará nas gerações futuras,
que estarão sob a vara da disciplina do Senhor Messias
(SISal 18, 5-7).

Este salmo não menciona directamente o papel guerreiro do Messias, colocando todo o acento na sua função didáctica que conduzirá Israel ao temor de Deus.

Os Salmos de Salomão constituem, pois, um bom exemplo da vitalidade e importância que o principal filão da esperança messiânica, baseada na profecia de Natan, foi revelando ao longo da história de Israel. Apesar de ter explorado vertentes, umas vezes mais universais e outras mais espirituais ou esotérico-apocalípticas, a ideia original do messianismo, como restauração dos tempos ideais de David e Salomão esteve sempre presente, mesmo que de forma subjacente, no modo de conceber a intervenção determinante de Deus em favor do seu povo, através do seu Ungido.

6. A esperança messiânica no tempo de Jesus

Do tempo de Jesus, não possuímos muitos documentos escritos que nos permitam dizer, com certeza, até que ponto a esperança de um Messias estava difundida em Israel e quais as linhas fundamentais da sua expressão. No entanto, a rápida visão da questão que acabamos de realizar e o testemunho das fontes históricas da altura, para além, naturalmente, dos escritos do Novo Testamento, permitem-nos fazer algumas deduções.

a) A esperança messiânica era parte integrante do património religioso de Israel, desde a antiguidade e continuava a desempenhar um papel importante no modo de conceber e preparar o futuro. É verdade que a figura do Messias não era a única a exprimir a confiança na providência de Deus e no seu empenhamento em favor de Israel e muitas correntes de pensamento, como a sapiencial, e importantes movimentos políticos, como a revolta dos macabeus, parecem não ter sido muito influenciados por esperanças messiânicas²¹. No entanto, a projecção, no futuro, do arquétipo real do Ungido de Deus e mediador da sua força libertadora e justiceira, nunca deixou de estar presente nas expressões

²¹ Cf. F. HAHN, *Christologische Hoheitstitel*, 141s.

da esperança de Israel, tanto nas de tipo profético, como nas de tipo sapiencial ou apocalíptico-esotérico.

b) A análise das revoltas judaicas contra Roma, desde o séc. I a.C. até ao séc. II. d.C., mostra que, por detrás dos movimentos que lhes deram origem, se encontra sempre uma forte motivação messiânico-apocalíptica. Contudo, não seria, correcto concluir que o messianismo foi a fonte exclusiva destes movimentos. A situação política criada pelo domínio romano forneceu, sem dúvida, a matéria inflamável que fez deflagrar o incêndio da revolta. No dizer de Y. Kaufmann, «as tentativas de antecipar a consolação e a redenção para Israel representam a face política de uma medalha, cuja contraface é a luta contra o império romano»²².

c) Não existia, no tempo de Jesus, uma doutrina única e generalizada sobre o modo de conceber a figura do Messias e os tempos messiânicos. Presentes em diferentes grupos da sociedade, em Israel e na diáspora, encontravam-se, com toda a certeza, defensores do messianismo real, ancorado na figura de David, apresentado como protótipo do libertador contra a opressão externa e garante da justiça, da paz e da prosperidade nacionais. Mas existiam também grupos mais esotéricos, ligados sobretudo aos essênios, que acentuavam o papel de um messias de tipo sacerdotal; ou círculos mais cultos onde se desenvolvia um messianismo de tipo apocalíptico ou milenarista, que fazia coincidir a vinda do Messias/Filho do Homem com o fim deste mundo e o advento de um mundo novo, preparado por Deus. A estas concepções há ainda a acrescentar as perspectivas apocalípticas centradas no regresso de Elias, ligadas ou não à vinda do Messias, bem como a corporização da esperança futura na figura do profeta escatológico, à imagem de Moisés.

d) Além disso, há que ter em conta que nem toda a sociedade israelita se interessava especialmente pelo ideal messiânico,

²² Y. KAUFMANN, *Christianity and Judaism*, 76. Sobre a relação entre as esperanças messiânicas e os movimentos políticos deste tempo, cf. J.H. CHARLESWORTH, *From Messianology to Christology*, 30-35; M. HENGEL, *Messianische Öffnung*, 655-686; R.A. HORSLEY, «Messianic» *Figures*, 276-95; C. THOMA, *Das Messiasprojekt*, 113-67 e sobretudo a monografia de G. OEGEMA, *Der Gesalbte und sein Volk. Untersuchungen zum Konzeptualisierungsprozeß der messianischen Erwartungen von den Makkabäern bis Bar Koziba*, Göttingen, 1994.

de modo a fazer dele uma questão central. Não só as camadas bem-estantes e ligadas ao poder eram avessas a estes movimentos, que punham em causa a sua posição; como também os círculos ligados aos escribas e fariseus não ardiam habitualmente de entusiasmos messiânicos, colocando, pelo contrário, a estrita observância da Lei, como ideal de vida e de futuro.

e) De um modo geral, pode dizer-se que dois filões messiânicos principais caracterizam a esperança messiânica, no tempo de Jesus: por um lado o messianismo real-davídico, de tipo restauracionista, que esperava um libertador de tipo político-militar, que havia de sacudir o jugo estrangeiro, colocar Israel à cabeça das nações e eliminar toda a injustiça, dando início a uma era de paz e de prosperidade; e, por outro, uma corrente de tipo apocalíptico, para a qual o futuro messiânico não se apresentava já como restauração da grandeza terrena de Israel, mas como o advento de uma realidade radicalmente nova, obra de Deus e não dos homens, que significaria também o fim da história presente. É convicção comum que a corrente messiânica restauradora se encontrava difundida particularmente entre as camadas mais desfavorecidas da sociedade, enquanto que o ideal apocalíptico era apanágio dos ambientes mais cultos e esotéricos²³. No entanto, cada uma destas ideias básicas conhecia uma grande variedade de modos concretos de imaginar o cenário da libertação, que se enriquecia com elementos provenientes de outras tradições acima expostas.

f) Em nenhuma parte do judaísmo do primeiro século se encontra a ideia de um Messias sofredor, do género que é proposto por Jesus. A morte do Messias, mencionada em IV Esdras insere-se no contexto apocalíptico da transformação da realidade cósmica. Também a figura do Messias de José ou de Efraim, que devia sofrer a morte, lutando contra os inimigos de Israel, segundo uma concepção posteriormente surgida no judaísmo, não pode ser aproximada do destino do Filho do Homem, proposto, por exemplo, em Mc 8,31, pois não se trata do Messias de David, mas, mais propriamente, do seu precursor²⁴. A ideia do sofrimento do Messias de David encontra-se, em documentos judaicos, somente

²³ Cf. J. H. CHARLESWORTH, *From Messianology to Christology*, 31; R. A. HORSLEY, «Messianic» *Figures*, 280;

²⁴ Cf. acima, nota 13.

a partir do séc. III, embora as suas raízes se devam já procurar a partir do séc. II ²⁵.

7. Jesus, o Messias

Este contexto multifacetado de concepções messiânicas, no judaísmo do início do primeiro século da nossa era, reveste-se de particular importância para entender a acção de Jesus e o modo como os seus contemporâneos o interpretaram. Para concluir este breve estudo, e sem pretender esmiuçar o tema, esboçamos apenas as linhas fundamentais da questão messiânica, no episódio de Cesareia de Filipe, em que, segundo Marcos, Jesus é reconhecido, pela primeira vez, pelos discípulos, como o Messias esperado ²⁶:

Jesus saiu, com os seus discípulos para as povoações de Cesareia de Filipe e, pelo caminho, foi perguntando aos seus discípulos:
— Quem dizem os homens que eu sou?

Eles responderam-lhe:

— [Uns dizem que és] João Baptista; outros, Elias; outros, ainda, um dos profetas.

Então ele perguntou-lhes:

— Vós, porém, quem dizeis que eu sou?

Pedro respondeu-lhe:

— Tu és o Messias.

Ele ordenou-lhes terminantemente que não falassem dele a ninguém e começou a ensinar-lhes que o Filho do Homem devia sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar (Mc 8,27-31).

As duas perguntas colocadas por Jesus aos discípulos — *Quem dizem os homens que eu sou?* e *vós, quem dizeis que eu sou?* — permitem duas respostas de importância muito diversa.

À primeira pergunta, os discípulos respondem citando as opiniões das pessoas, apoiadas na aplicação dos modelos do passado (*profeta*) ou em interpretações mais folclóricas e ousadas

²⁵ Assim V. HAMPEL, *Menschensohn und historischer Jesus. Ein Rätselwort als Schlüssel zum messianischen Selbstverständnis Jesu*, Neukirchen, 1990, 260-69. Para o elenco e comentário da literatura judaica sobre o sofrimento do Messias, cf. H. STRACK-P. BILLERBECK, *Kommentar II*, 284-92.

²⁶ Para um investigação mais aprofundada deste texto, veja-se a monografia J. ORNELAS CARVALHO, *Caminho de morte, destino de vida. O projecto do Filho do Homem e dos seus discípulos à luz de Mc 8,27-9,1*, Lisboa, 1998.

(*João Baptista* ressuscitado). Já a alusão a Elias, contém, segundo a análise que acabamos de fazer, uma conotação mais importante, na medida que, através dela, Jesus é visto como o precursor do Messias. De qualquer forma, estaríamos ainda na linha das diversas intervenções salvadoras de Deus ao longo da história.

A resposta de Pedro — *Tu és o Messias* — constitui, porém, um marco fundamental, à luz da esperança messiânica que acabamos de delinear. Afirmar que Jesus é o Ungido, o Messias de Deus significa assumir que chegaram os tempos anunciados no passado e que se está a viver o momento mais significativo da história e do cumprimento das promessas.

Dito isto, não é claro, porém, o sentido desta declaração. Deixando de parte, neste momento, a questão da historicidade do episódio narrado por Marcos e estando aos dados da precedente investigação, uma declaração absoluta deste género, sem outra precisação que faça referência a qualquer corrente messiânica específica, devia ser entendida, no tempo de Jesus, antes de mais, na linha geral do messianismo davídico e restaurador da glória de Israel. No entanto, o sentido exacto da intervenção salvadora de Deus evocaria certamente expectativas e representações bastante diversificadas, num auditório que fosse minimamente expressivo da sociedade judaica da altura.

Esta ideia é confirmada pela própria narração de Marcos. Jesus não nega nem confirma a declaração de Pedro, mas, de forma muito sintomática, dá aos discípulos uma ordem terminante de não falar dele a ninguém e começa a colocar perante os seus olhos a perspectiva de um messianismo que não se reveste dos traços gloriosos do descendente de David, mas se inspira nas figuras do servo do Dêutero-Isaías e nos salmos do justo perseguido e reabilitado por Deus. A reacção de discordância e rejeição de Pedro, que o levam a ser apostrofado de Satanás, mostram bem que Jesus não aceita as concepções messiânicas do primeiro dos seus discípulos.

Por esta razão, Marcos lida com muito cuidado com este título tão importante. Para ele, Jesus é, de facto, o Messias, e afirmá-lo-á solenemente diante do sínédrio, o que constituirá a causa da sua morte (Mc 14,62s). No entanto, essa simples afirmação messiânica não chega para definir a pessoa e a missão de Jesus, que se afirmará, sim, como Filho de David, mas também como Filho do Homem e Filho de Deus.

Na perspectiva neotestamentária, no título *Cristo / Ungido / Messias*, não fica anulado o conceito veterotestamentário de Messias,

que continua a ser uma passagem obrigatória para interpretar a pessoa e a acção de Jesus. Ele é o Messias, descendente de David e nele se cumprem e são levadas à sua plenitude, as promessas feitas no passado, pois Deus é fiel àquilo que promete. No entanto, este título é limitado e pode até ser perigoso, na medida em que pode esconder o caminho real que Jesus percorreu, para realizar a salvação de Deus, oferecida a Israel e a toda a humanidade.

Jesus, o Cristo, é o Messias prometido por Deus, mas a revelação do seu messianismo, sem rejeitar Israel nem a sua esperança, rasga novos e insuspeitáveis horizontes, porque se reveste, não apenas da tradição do passado, mas sobretudo da sua própria vida e palavra, que o revelam como Filho do Homem e Filho de Deus.

JOSÉ ORNELAS CARVALHO